

caderno de montagem

# morro do moderno

arquitetura e urbanismo da  
atualidade 2020/2  
profs elane peixoto, leandro  
cruz, anna albano e daniel  
duncan

liara ramortsua



m o n t a g e m

a l t o v e r a c r u z :

o m o r r o v e r d a d e i r o

O caderno de montagem tem como objetivo trazer temáticas abordadas em aula durante o semestre vigente na disciplina de Arquitetura e Urbanismo da Atualidade, traçando semelhanças e as destacando, trazendo assim, reflexões críticas. Nas palavras do professor Leandro Cruz em documento descritivo desta atividade “As montagens são questionamentos de discursos que reforçam a unidade e a homogeneidade, mesmo aqueles mais alvissareiros, que partem da pluralidade de expressões da produção contemporânea [...]”

Diante do exposto, a proposta que trago tem como enfoque a problemática da habitação e como esta vem se desenvolvendo desde meados do século passado. Com essa visão, trouxe também para discussão a problemática das favelas, que por obséquio, abordamos como temática no trabalho anterior.

No início do século XX, menos da metade da população brasileira era considerada urbana. Ao contrário do início do século XXI, quando 82% da população já estava vivendo nas cidades. Este salto populacional acarretou diversos problemas infelizmente já tradicionais nos grandes centros urbanos,

evidenciando que a urbanização grandes centros urbanos, e a modernização não são para todos (MARICATO, 2003, p. 78). A partir dos anos 80, há um aprofundamento das desigualdades, com o aumento do desemprego e redução das políticas sociais, o que aumentou consideravelmente o número de favelas, de acordo com o Censo do IBGE do ano 2000 (MARICATO, 2003, p. 79).

No cenário arquitetônico e urbanístico, programas de habitação social se faziam necessários, e governos do mundo inteiro adotaram tal método para um possível assentamento dessas pessoas em situação de vulnerabilidade social. No Brasil não foi diferente, e no Rio de Janeiro e em São Paulo foram construídos os primeiros modelos de prédios destinados à população carente como o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, conhecido como Pedregulho (RJ, 1947).

Como podemos imaginar, no Brasil essa movimentação com intuito de proporcionar moradias regulares para pessoas das classes

pobres não foram suficientes, e o resultado foi cada vez mais favelas espalhadas pelas grandes capitais. Belo Horizonte é um exemplo, que com cerca de 2,722 milhões de habitantes é a sexta maior capital do Brasil, possui aproximadamente 226 favelas, e de acordo com o IBGE, em 2010 a população dessas favelas chegavam a quase 300mil habitantes.

A falta de infraestrutura e investimentos governamentais em melhorias nos assentamentos irregulares fazem com que muitas vezes os próprios moradores tomem a iniciativa de reformas e intervenções urbanas, como no caso do Alto Vera Cruz, favela com início nos anos de 1950 em uma área abandonada pela Companhia Mineradora de Belo Horizonte localizada na Região Leste da capital (Imagem 1), tem mais de 47 mil moradores e é uma das maiores da capital. A ocupação ganhou em 2018, com a iniciativa dos próprios moradores pinturas grafitadas nas fachadas de todas as casas de forma artística resultando em um macro mural magnífico que contrasta com o entorno em que se localiza (Imagem 2).



**Imagem 1:** Localização Favela Alto Vera Cruz – Belo Horizonte/MG  
fonte: g1.globo.com



**Imagem 2:** Favela Alto Vera Cruz – Belo Horizonte/MG  
fonte: g1.globo.com

m o n t a g e m

# morro do moderno:

i n s p i r a ç ã o e c r i a ç ã o

Inspirada na obra de Rem Koolhaas “A cidade do globo cativo” (Imagem 3), me veio a ideia de integrar a temática da habitação na arquitetura abordada na matéria de Atualidades, com a problemática das favelas e montar assim, o “Morro do Moderno” (Imagem 4) uma favela diferente, onde em meio a casas simples de uma comunidade, se encontram grandes casas e complexos habitacionais que marcaram a arquitetura habitacional do século XX e que até os dias de hoje são referências fundamentais para o cenário arquitetônico.

Durante o semestre, tivemos muitos autores que falaram sobre a o habitar, com visões diferentes, um deles foi o filósofo alemão Martin Heidegger. No seu livro Construir, Habitar, Pensar, (1951) Heidegger fala sobre a a essência do habitar:

[...] Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um demorar-se dos mortais sobre essa terra. [p.129]

Ele ainda fala:

[...]Tenta-se suplantar a crise através da criação de conjuntos habitacionais, incentivando-se a construção habitacional mediante um planejamento de toda a questão habitacional. Por mais difícil e angustiante, por mais avassaladora e ameaçadora que seja a falta de habitação, a crise propriamente dita do habitar não se encontra, primordialmente, na falta de habitações. A crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais devem primeiro aprender a habitar. [...] [p.140]

As frases destacadas falam muito sobre o que costumamos considerar arquitetura ou não, o que é habitação ou não, e a reflexão que eu quero trazer com a colagem do Morro do Moderno é justamente essa. O habitar faz a arquitetura e a arquitetura faz o habitar, é um paralelo que não se separa. Então o Morro do Moderno nada mais é do que mais um morro como qualquer outro, mas com casas que por convenção são arquitetura em meio a outras que não.

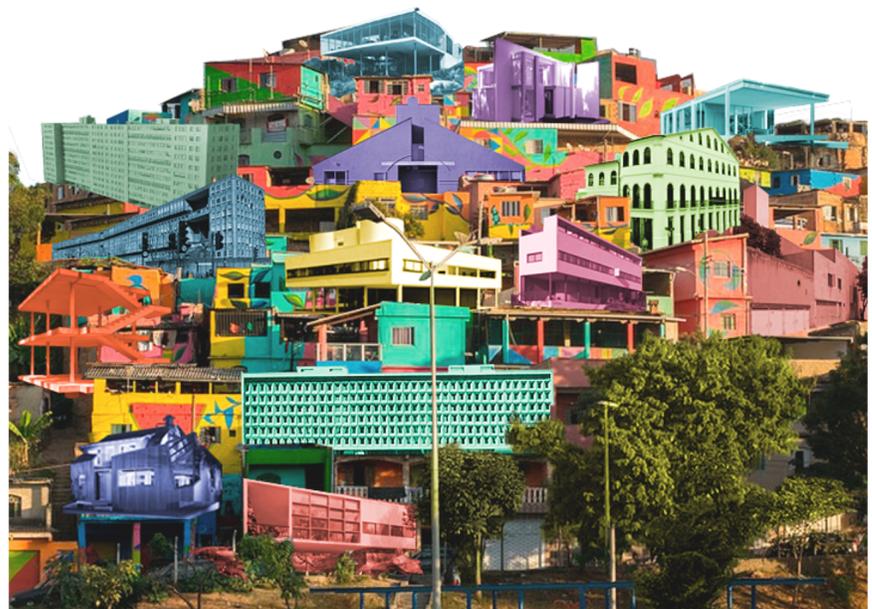
As obras escolhidas para “subirem” o Morro do Moderno contam com nomes conhecidos mundialmente como autores. Dentre os arquitetos brasileiros que se destacam, temos Lina Bo Bardi, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, já

dentre os internacionais a ênfase vai para Le Corbusier, Luis Barragán, Minoru Yamasaki, Mies Van der Rohe, Robert Venturi, Peter Eisenman, e os irmãos Smithson (Alison e Peter Smithson), todos adeptos do movimento moderno e pós moderno. A produção arquitetônica habitacional do século XX contou com vários outros nomes importantes, principalmente no cenário brasileiro, dentre outros, Gregori Warchavtchik Vilanova Artigas, Affonso Reidy, Paulo Mendes da Rocha, mas o enfoque trazido em aula caminhou para a avaliação do cenário mundial, e em vista disso, foram escolhidas as obras dos arquitetos mencionados.

Para a representação das casas na favela, foi considerada uma paleta de cores que teve como premissa principal para seus tons as lindas pinturas das fachadas das casas. A decisão da cor de cada uma das casas foi a cronologia, onde as obras produzidas na primeira metade do século XX foram representadas em cores quentes, e as da segunda metade do século de cores frias.



**Imagem 3:** Rem Koolhaas, Globo cativo, ilustração do livro Nova York delirante, de Rem Koolhaas  
fonte: vitruvius.com.br



**Imagem 4:** Morro do moderno  
Autoria: Liara Ramortsua

m o n t a g e m

# m o r r o d o m o d e r n o : c o n s t r u ç ã o

- |  |   |
|--|---|
| [1] pruit igoe, minoru yamasaki, missouri-estados unidos (1956)              | [8] prédios superquadra, lúcio costa, Brasília-brasil (1960)                    |
| [2] robin hood gardens, alisson e peter smithson, Londres- Inglaterra (1975) | [9] casa da gávea, oscar niemeyer, rio de janeiro-brasil (1949)                 |
| [3] maison domo, le corbusier, Londres-Inglaterra(1914)                      | [10] casa VI eisenman, peter eisenman, connecticut-estados unidos (1972)        |
| [4] casa do arquiteto, frank gehry, los angeles-estados unidos (1978)        | [11] casa de weissenhofsiedlung, por le corbusier, stuttgart, Alemanha (1927)   |
| [5] casa de vidro, lina bo bardi, são paulo-brasil (1951)                    | [12] farnsworth, mies van der rohe, plano illinois-estados unidos (1951)        |
| [6] casa vanna venturi, robert venruri, pensilvânia- estados unidos (1959)   | [13] casa do benin, lina bo bardi, bahia-brasil (1988)                          |
| [7] maison savoye, le corbusier, poissy-frança (1931)                        | [14] casa-estúdio luis barragán, luis barragán, cidade do México- México (1948) |



Imagem 5: Morro do moderno  
Autoria: Liara Ramortsua

m o n t a g e m

# m o r r o d o m o d e r n o :

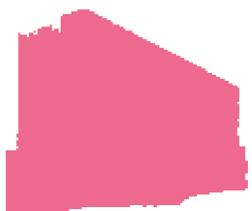
l i n h a d o t e m p o

1910



maison domino, le corbusier (1914)

1920



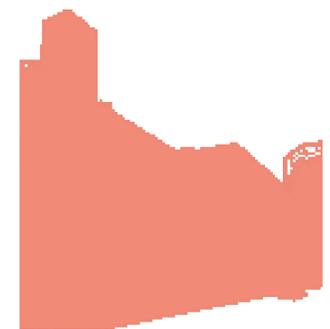
casa de weissenhofsiedlung , le corbusier (1927)

1930

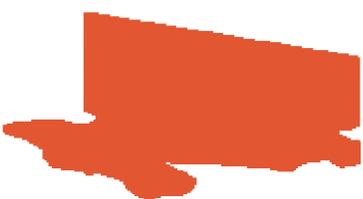


maison savoye le corbusier (1931)

1940



casa luis barrán luis barragán (1948)



casa da gávea niemeyer (1949)



farnsworth mies van der rohe (1951)

1950



casa de vidro lina bo bardi (1951)

1960



pruitt igoe, minoru yamasaki (1956)



casa vanna venturi, robert venturi(1959)



prédios superquadra, lúcio costa (1960)

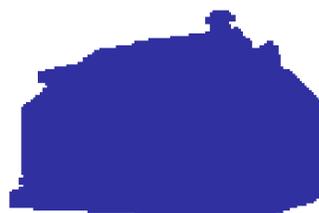


casa VI eisenman peter eisenman (1972)

1970



robin hood gardens alisson e peter smithson (1975)



casa do arquiteto, frank gehry (1978)

1980



casa do benin lina bo bardi (1988)

# bibliografia

MARICATO, Erminia. Conhecer para resolver a cidade ilegal. Urbanização brasileira: redescobertas. Belo Horizonte: Arte, 2003. p. 78-96. Disponível em: <<https://erminiamaricato.files.wordpress.com/2012/09/urbanizacao-brasileira.pdf>> Acesso em: 16mai.2021.

PIMENTEL, Thais. Isoladas, idosas de grupo de cantigas em favela de BH driblam a saudade cantando, dando de comer às galinhas e fazendo videochamada. G1, 2020. Disponível em: Isoladas, idosas de grupo de cantigas em favela de BH driblam a saudade cantando, dando de comer às galinhas e fazendo videochamada | Minas Gerais | G1 (globo.com). Acesso em: 16mai.2021

TUPINAMBÁS, Glória. População de aglomerados chega a quase 600 mil em Minas, metade deles em BH. Estado de Minas Gerais, 2011. Disponível em: População de aglomerados chega a quase 600 mil em Minas, metade deles em BH - Gerais - Estado de Minas. Acesso em: 16mai.2021

COSTA, Leíse. Dos becos às fachadas: Alto Vera Cruz ganha mural a céu aberto. Edição do Brasil, 2018. Disponível em: [edicaodobrasil.com.br](http://edicaodobrasil.com.br). Acesso em: 16mai.2021.

Tradução direta de: HEIDEGGER, M. Bauen Wohnen Denken. In: Gesamtausgabe. I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1910-1976. Band 7. Vorträge und Aufsätze. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000, pp.146-165.

SAMMER, Renata. Rem Koolhaas, um viquiano. Vitruvius, 2016. Disponível em: [arquitextos.com.br](http://arquitextos.com.br) 188.04 teoria: Rem Koolhaas, um viquiano | vitruvius. Acesso em: 16mai.2021.